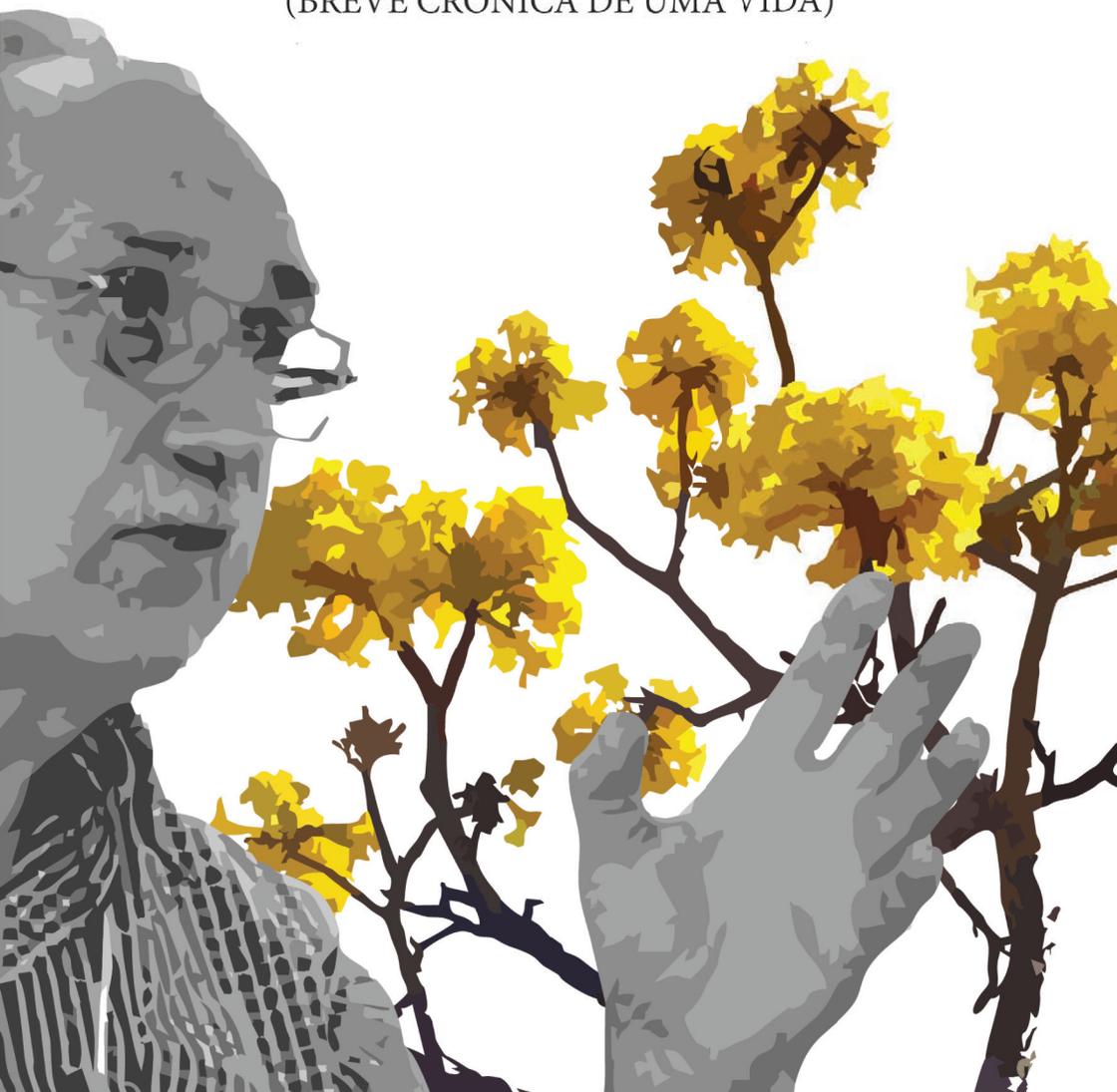


ÁLVARO RODRIGUES DOS SANTOS

REGISTROS E CONJECTURAS

(BREVE CRÔNICA DE UMA VIDA)



Álvaro Rodrigues dos Santos

REGISTROS e CONJECTURAS

(BREVE CRÔNICA DE UMA VIDA)

São Paulo, março de 2017



Apresentação I

Cedendo a uma carinhosa, e bondosa, pressão de amigos, mas também convencido de que valesse a pena, resolvi reunir alguns poemas e apontamentos que me brotaram da alma, alguns poucos por certo do fígado, em momentos especiais de minha vida.

Por obra e mérito de minha adorada mãe Didi, poeta que era, e com quem divido a culpa, portanto, tive contato com a poesia desde muito cedo. Arranjou-me até essa irrequieta mãe um programa na Rádio Difusora ZYN8, de Batatais, minha cidade natal, em que eu lia poemas, cada programa dedicado a um grande poeta. Até hoje tenho justificadas desconfianças que ela foi por muito tempo minha única ouvinte.

De tal sorte que, com alguma naturalidade, eu me via às vezes expressando de forma poética sentimentos mais angustiosos. Dessa fase púbere praticamente nada registrei. Ou por algum esquecimento, ou talvez mais provavelmente, por algum pudor machista diante do certo escárnio que viria da “turma”.

Mas quis a vida, e *Gracias a la Vida*, que circunstâncias pessoais e históricas, muito próprias da Geração 68, nascido que sou em 1942, levassem-me a protagonizar com muitos um tempo pleno de acontecimentos de grande intensidade, que nos levou todos, generosos que fomos, de roldão em suas caudalosas ondas, por vezes maravilhosas, por vezes tenebrosas. Por ser um cacoete pessoal, também nessa fase adolescente-adulta continuei a expressar poeticamente alguns sentimentos mais intensos e íntimos, dessa vez, ao menos em alguns casos, com o devido registro.

Foi também essa época madura que me permitiu descobrir e recuperar a incrível beleza e magia que havia sido minha infância em Batatais, pequena cidade da Alta Mogiana, no Estado de São Paulo, e, em grata surpresa, perceber o quão importante foi para a definição de meu espírito; lembranças que acabei também por transformar em alguns registros poéticos.

Com a pena em mãos, resolvi também juntar alguns apontamentos factuais e algumas reflexões e lembranças que julguei ajudar a melhor esboçar minhas relações com o tempo e as circunstâncias que me foram dados viver.

Em tema bastante diferente, achei oportuno incluir nesse livro um texto meu, ABENÇOADOS PALAVRÕES, que andou rodando a *Internet* sob outras pretensas autorias, e do qual me orgulho muito, no qual penso que tive a felicidade de bem registrar o significado e a importância de alguns palavrões a que comumente nos socorremos para melhor expressar o que nos vai pela alma.

Por término, sou geólogo, profissão e Ciência a que dediquei coração e mente e que me levou a níveis mais ambiciosos de compreensão da vida. Por óbvio que essa condição também se reproduzisse em alguns de meus devaneios literários.

Enfim, vão aí pelo livro todas essas coisas, com pouca ou nenhuma ordem lógica ou cronológica. Peço aos leitores que me sejam lenientes em seu julgamento literário. Declaro desde já que não me considero um poeta. Aliás, a esses devo desculpas por ter-lhes tomado emprestada, sem maiores explicações e competência, sua arte.

Álvaro

PREFÁCIO

IDÍLICA ESTUDANTIL *(Alex Polaris)*

*Nossa geração teve pouco tempo
começou pelo fim
mas foi bela a nossa procura
ah! moça, como foi bela a nossa procura...
mesmo com tanta ilusão perdida
quebrada,
mesmo com tanto caco de sonho
onde até hoje
a gente se corta.*

Nota: *Caro Alex, não nos conhecemos pessoalmente, procurei insistentemente, mas sem sucesso, contato com você para pedir-lhe a devida autorização de uso de sua **Idílica** como prefácio de meu livro. Acabei por tomar, unilateralmente, essa decisão. Espero que sua generosidade me absolva.*

DEDICATÓRIA

Dedico esse meu livro a todos aqueles que, cada um ao seu jeito, ensinaram-me sobre o deslumbramento.

APRESENTAÇÃO II e AUTO-RETRATO

Como afirmou o neurologista Oliver Sachs em sua carta derradeira, àqueles que, em calma, percebem-se no limiar de seu fim, apresenta-se uma intensa experiência, de muito íntimo caráter: deixar um pouco ao lado as grandes e boas batalhas (para essas tem-se substitutos) e dirigir a atenção sobre si mesmos; não como um impulso egoísta, mas como um foco mais apurado nas coisas que apreciamos, que nos trazem real gosto e felicidade, e naquelas em que acreditamos poder contribuir com os semelhantes, com a humanidade, com algo particularmente nosso, algo fruto exclusivo de nossa pessoal competência e exercício.

Explicando-me melhor, parece-me muito triste, um pecado imenso, levarmos conosco para o além-vida algo que sabemos, aprendemos, apreendemos ou desenvolvemos, e que possa de alguma maneira ser útil à sociedade humana e ao semelhante. Aliás, se eu pudesse sugerir a Deus mais uma lei entre tantas que prescreveu, seria essa, “há de se ver comigo aquele que morrer sem ter passado adiante tudo que aprendeu e que de alguma forma pudesse ser útil ao próximo”.

Esse foi o impulso que me levou a escrever meus vários livros técnicos. É o mesmo que me leva agora a escrever esse livro, digamos, mais intimista.



AUTO-RETRATO

*Não há muito descobri
Aquilo que me acende a alma
O que me move e sugere o gesto
Sem o que não me completo
Não tenho o gosto e a calma.*

*É uma vontade imensa
Um impulso, quase um frêmito
Que me vem da mais
Profunda entranha
Do mais ancestral elemento:
O gozo, completo só o tenho
Se compartilho o sentimento.*



MINHA ESTRELA-GUIA

Imaginei esse poema pensando na dificuldade que muitas das pessoas com quem dialogo sobre temas políticos atuais ou relativos à história humana têm em compreender certos posicionamentos e argumentos.

Há hoje muita gente honesta e justa que define seus posicionamentos adotando como referência atributos de enorme valor como a honestidade, a ética, o patriotismo, as boas técnicas de gestão, a firmeza no combate ao crime..., mas com enorme dificuldade em entender posicionamentos outros que agregam a esses atributos um ponto de partida, uma referência primeira de cunho mais espiritual; que em muitas situações, proporcionaria perceber mais elementos conjunturais em uma situação, e que podem conduzir a outras escolhas.

Esse ponto de partida, essa referência primeira de cunho mais emocional, essa “estrela-guia”, em meu caso e de outros tantos amigos, é o profundo amor aos mais pobres, uma profunda admiração e um profundo respeito aos mais simples. Algo que se aproxima, muito provavelmente, da forma como Cristo apreendeu a sociedade de sua época.

Isso significa perceber que uma sociedade não pode dizer-se exitosa apenas e isoladamente por suas esmeradas técnicas de gestão, por seus implacáveis controles éticos, por sua energia e eficiência no combate ao crime, por sua capacidade de inovação científica e tecnológica... Um êxito mais pleno só lhe seria outorgado, e especialmente, por sua competência em promover a justiça social, em não admitir a desigualdade de oportunidades, em não aceitar a pobreza e o desrespeito aos mais humildes, em prover felicidade a todos seus integrantes.

MINHA ESTRELA-GUIA

Aos simples - *Guerra Junqueiro (poeta português 1850-1923)*

Benditas sois vós, almas que est'alma adora,
Almas cheias de paz, humildade e alegria,
Para quem a consciência é o sol de toda a hora,
Para quem a virtude é o pão de cada dia!
Sois como a luz que doura as trevas dum monturo,
Ficando sempre branca a sorrir e a cantar;
E tudo quanto a mim há de belo ou de puro,
- Desde a esmola que eu dou à prece que eu murmuro
É vosso: fostes vós o meu primeiro altar.

Aos simples – *Álvaro*

Quis a fortuna, por vezes sóbria,
Por vezes insana,
Ou talvez mais, dos pais a linda alma,
Que eu visse na gente humilde
Os mais belos valores da alma humana.

Essa a estrela que me guia
Esse, dos primeiros,
Meu primeiro sentimento:
O grande amor, o profundo respeito,
Aos que padecem tanta injustiça
Àqueles a que se impõem tantos sofrimentos.

BOTA UTOPIA NISSO!

*Por certo, a mais delirante das utopias,
Um mundo leve, manso, solto
Sem religiões,
Códigos
E ideologias...*

FÉ

*Crer no castelo e na lança
Crer na vida
Na esperança
Tão fortes quão Quixote
Tão puros quanto Pança.*

*Tendo como prova e fé
Do real desse sonho
Apenas ele mesmo
Como foi, e é.*

AOS QUE MUDARAM DE CALÇADA

Sempre viveram em harmonia
Trocando idéias e afagos
E alguns poucos arranca-rabos
Minhas duas inquietas metades
As duas, por mim, a terceira,
Dotadas de completa liberdade.

E assim, a mim agregaram-se
De mim ocupando vastos espaços
A ternura aos desgraçados da vida
E o fascínio pela Geologia que faço

Às duas dediquei o melhor
Que em mim julguei que havia
Alguma argúcia, *por supuesto*,
Golfadas de generosidade
E outras tantas de ousadia

Mas se a mim agrada os sentidos
A alguns tristes espíritos
Soava como afronta
Saberem-me assim repartido

Não pela geológica habilidade,
Mas por sua “rubra” e gêmea metade

E não ficaram somente
Nesse pobre sentimento.
Em sua ideológica aversão
Havia outros elementos

Com desejada publicidade
Qual acintoso mudar de calçada
Trataram de me evitar
Ou em vis oportunidades
Odiosamente prejudicar

Vocês, tristes espectros,
Antíteses da humanidade
Que a mim só inspiram pena,
Terão sempre
Como o maior de seus castigos
A íntima presença da própria iniquidade.

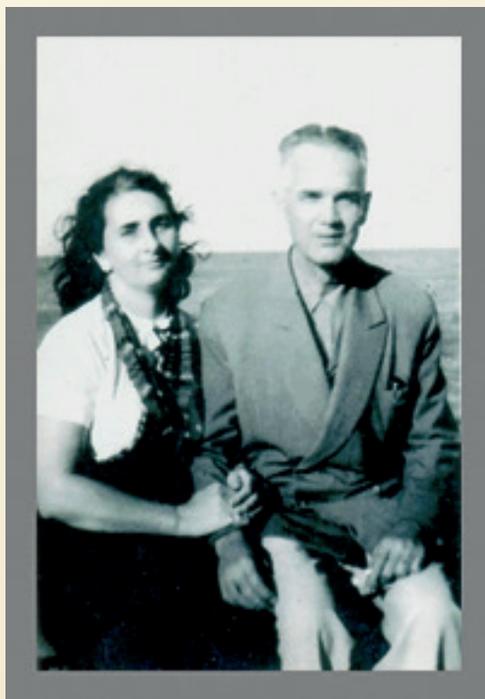
O OLHAR GEOLÓGICO

Tudo o que vemos na natureza geológica são estágios, paisagens que não foram assim antes e não serão assim no futuro. Sob a ação da energia telúrica e da energia solar a natureza é assim mutante, mantendo permanente o sentido maior de suas mutações: a busca de novas posições de equilíbrio. Constância, essa sublime essência do tempo geológico.

Compreende-se assim que, mais que outras especialidades, nós geólogos aprendemos a ver o tempo e o espaço com uma grande ocular. E isso nos ajuda a evitar as visões mais imediatistas na avaliação do ser humano. É esse distanciamento temporal que nos propicia a certeza que chegaremos lá, em uma sociedade de amor, igualdade, fraternidade e muita, mas muita, felicidade. Pretender que essas bênçãos ocorram em nosso tempo de vida é compreensível, mas a percepção que tudo isso levará muito mais tempo, talvez séculos, não pode nos desanimar e fazer com que nos conformemos com as injustiças e os descaminhos de nosso mundo atual.

MEUS QUERIDOS PAIS

Lembrança do golpe militar depois de 64: dois bilhetes



Meus pais, Didi e Brasília

Brasília Rodrigues dos Santos era meu pai. Exímio médico clínico e cirurgião do hospital de Batatais (SP). Um médico amado pela sua dedicação a seus pacientes. Homem de caráter e dignidade postos acima de qualquer atributo. Minto, antes vinha o amor por sua família e seus pacientes. Então nessa ordem: AMOR, CARÁTER, DIGNIDADE.

Edith Brasil Rodrigues dos Santos, a dona Didi, era minha mãe. Professora de matemática, mulher de extrema cultura e profunda visão humanista. Abrir as cabeças dos jovens,

filhos e amigos de filhos incluídos, para o conhecimento e a beleza da vida foi a missão a que se dedicou em uma cidade dominada por uma oligarquia rural provinciana e preconceituosa, a quem esse tipo de espírito universalista não era exatamente simpático.

Em 1964, os quatro filhos já em São Paulo em estudos universitários, sobreveio o golpe militar de 31 de março. Eu e meu irmão Nelson, hoje médico dedicado à Saúde Pública, começamos a ser insistentemente procurados pelos órgãos de repressão devido às nossas atividades na política estudantil. Em São Paulo, não achando os irmãos, prenderam para interrogatórios sem fim nossa irmã Dulce.

Em Batatais prenderam nosso pai e nossa mãe, submetendo-os a toda sorte de humilhações e estúpidos interrogatórios. À nossa procura, mas também à guisa de denúncias promovidas por gente local dando conta que se tratavam de perigosos comunistas. Era o clima da época.

Claro, pelo imenso amor que nos dedicavam a preocupação maior de nossos pais sempre esteve conosco, com o que pudesse nos ocorrer se pegos pelos militares.

Eu e meu irmão Nelson, de nossa parte, também muito preocupados com nossos pais pelo que vinha acontecendo, seguimos nossos corações e mentes e nos engajamos de peito e alma na luta contra a ditadura militar.

Já não me lembro como, o Dr. Brasília, e logo após a dona Didi, fizeram-me chegar dois bilhetes, que a seguir, pelo seu pungente conteúdo humano, são reproduzidos. Vejam que são bilhetes quase cifrados, em que os cuidados são expressos, mas em nenhum momento contendo qualquer tipo de censura à atividade política dos filhos. Creio que até pode se perceber, apesar de todo o terror presente, um certo traço de orgulho com a atitude de seus filhos.

Querido filho Álvaro

Eu penso tanto em você...
Meu coração estará sempre
protegendo-o em qualquer
emergência. Nunca você
perderá por ser bom e calmo.
O ritmo de sua vida será
meu consólo e minha felicidade.

Longas saudades do
pai querido
16-7-64

Querido filho Álvaro,

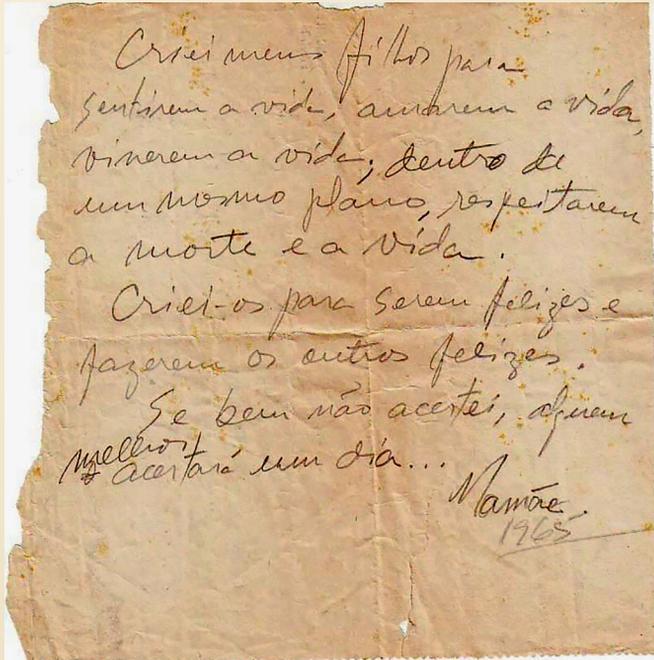
Eu penso tanto em você...

Meu coração estará sempre protegendo-o em qualquer emergência. Nunca
você perderá por ser bom e calmo. O ritmo de sua vida será meu consólo e
minha felicidade.

Longas saudades do pai querido.

Brasília 16-7-64





Criei meus filhos para sentirem a vida, amarem a vida, viverem a vida, dentro de um mesmo plano, respeitarem a morte e a vida.

Criei-os para serem felizes e fazerem os outros felizes.

Se bem não acertei, alguém melhor acertará um dia...

Mamãe 1965





“Constância, essa sublime essência do tempo geológico. Tudo o que vemos na natureza geológica são estágios, paisagens que não foram assim antes e não serão assim no futuro. Sob a incidência da energia telúrica e da energia solar a natureza é assim mutante, mantendo permanente o sentido maior das mutações: a busca de novas posições de equilíbrio.”

RUMINANDO PENSAMENTOS

“Que cada um de nós busque em sua vida a realização de seus desejos. Apenas uma única lembrança, que isso seja feito sem prejuízo do próximo. Muito melhor ainda, que seja feito junto com o próximo.”

“Nós sempre seremos nossa eterna e mais íntima companhia. Então, é de bom senso cultivarmos uma bela amizade (com traços de gostosa cumplicidade) com nós mesmos. Quando isso acontece, as coisas “rolam” bem, as dificuldades são melhor enfrentadas e as facilidades são melhor curtidas.”

“Constância, essa sublime essência do tempo geológico. Tudo o que vemos na natureza geológica são estágios, paisagens que não foram assim antes e não serão assim no futuro. Sob a incidência da energia telúrica e da energia solar a natureza é assim mutante, mantendo permanentemente o sentido maior das mutações: a busca de novas posições de equilíbrio.”

“Uma vitória pontual é um detalhe, nem sempre de maior significância. Já a constância, essa nos levará a um glorioso destino.”

“Eu não me iludo. Envelhecer é uma merda, em todos os sentidos. Mas conquanto não envelheçam o sonho e o gosto nas coisas belas, a vida é boa e vale a pena.”

“As dificuldades que encontramos em nossas ações dão a medida da decência de nossos propósitos e de nossa ousadia. Se não estivermos dispostos a suportá-las e enfrentá-las, sempre nos restará à mão a opção da mediocridade.”

“Nós seremos sempre nosso melhor laboratório para entender o ser humano.”

“Esquerda para mim, em um conceito simples e claro, mas nem um pouco superficial, é a corrente de pensamento e de ações sociais que expressa o compromisso maior do ser humano com o processo civilizatório – a prevalência progressiva dos princípios e impulsos humanos para a felicidade compartilhada, para a inaceitação do

injusto, para o respeito ao diverso, para a igualdade entre as pessoas, para o culto à vida. Constitui a ótica daqueles que têm como objeto de seus posicionamentos políticos a qualidade de vida dos deserdados do mundo, e não seu próprio umbigo, ou o umbigo de sua classe social, como é próprio dos que se alinham com o pensamento de Direita. A Esquerda, enfim, tem seu maior compromisso na busca da mais simples e pura felicidade humana, na realização integral do espírito humano, na harmonia desse espírito com os princípios sagrados da Natureza. Por fim, e a história tem sido enfática quanto a isso, a Esquerda nunca poderá romper sua intrínseca ligação original com o Humanismo. Rompido esse laço, o caminho natural é o fascismo. Da pior espécie, aquele que se auto-confere poderes absolutos por se proclamar responsável pelo Futuro.”

“O sentido de sua vida só pode ser dado por você mesmo. O resto é circunstância. A única coisa definitiva para uma pessoa é ela mesma. Tudo o mais pode ser mudado, mas de nós mesmos não escapamos. Por isso, vale gostar-se. Amigável, amável e respeitosamente. Nós seremos nossa única inseparável companhia, do primeiro segundo do começo ao último segundo do fim.”

“A Ciência é uma religião e a Humildade é seu altar.”

“Filhos, por via das dúvidas não se fiem muito nessas histórias de vida após a morte. Há uma enorme probabilidade dessa ser mesmo a única vida a ser vivida.”

“O melhor alimento para a alma de um pai é uma notícia boa sobre seus filhos.”

“Nas Ciências Naturais, e na Geologia em especial, o primeiro e essencial passo está em descobrirmos e assimilarmos as leis básicas da natureza. Isso feito, as cortinas se abrem e a compreensão dos fenômenos naturais ou induzidos pelo homem surge clara à nossa frente.”

“Os jovens se lembram, mas sem história; os velhos, vasta história, mas já não se lembram mais.”

“Você deve decidir com total liberdade e autonomia o que deva fazer na vida, mas uma vez decidido, faça-o bem-feito.”

“Do Sumo Pontífice ao carvoeiro de Bangladesh, do Dalai-lama ao vereador de Batatais, do sem-terra do Acre ao juiz da Suprema Corte dos Estados Unidos da América do Norte, nunca houve e nunca haverá atividade, cargo ou função social que esteja imune à natureza humana. A natureza humana é a única base permanente e onipresente em todos os fatos que compõem a história da humanidade. Nada aconteceu, acontece e acontecerá nesta história que não esteja intrinsecamente vinculado à natureza humana. Como diria Ortega y Gasset, é ela que, com suas circunstâncias, determina a Vida e a História.”

“Decida-se por suas guerras pelo que lhe estabelecem seus valores, e escolha suas batalhas pelo que conhece de seu exército.”

Talvez só mesmo o amadurecimento pessoal provê, aos honestos de espírito, a felicidade do abandono da arrogância e da intolerância. E, então, que sentimento delicioso de paz com as coisas do mundo. Quantas pessoas agradáveis e ricas, antes postas à parte, você descobre. E para quantas você se permite descobrir. Sem que em nenhum momento isso signifique a abdicação de seus princípios, de seus ideais, de sua disposição para os enfrentamentos necessários. Apenas uma sintonia mais apurada com o ritmo natural (e necessário) das mudanças. E a percepção íntima (e gostosa) dos sentimentos espontâneos da humildade e da generosidade.”



AFUNDA MAIS ESSE CORTE

Como um encanto
Atiça-me e foge
Linda
Abisma-me e ilude
Qual navalha sangra-me
E larga-me então
Só
À longa morte...
Por clemência, volta
Afunda mais esse corte.



O GEÓLOGO

Tira-lhe seus mapas
E logo outros estará a imaginar,
Tira-lhe o Norte
Sobrar-lhe-ão os ventos,
O sol, as estrelas e o mar,
Tira-lhe seu martelo,
Companheiro inseparável,
Uma lasca, ao fim, o acalma,
Mas tira-lhe o campo
E matará sua alma.



“Trabalho de campo: uma simpática eguinha se aproxima e propõe correções em meu mapa geológico.”

UM “CAUSO” DE GEÓLOGO E SEUS PEÕES

Corria o ano de 1970. Geólogo novo no IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas), integrei equipe que realizava os estudos para a então futura Rodovia dos Imigrantes em plena e selvagem Serra do Mar. Como não era raro, para terminar por completo um programa de sondagens resolvi esticar para 30 dias a permanência isolada de meu grupo ao meio da grande floresta ombrófila densa da Serra. Floresta que, padecendo do desconhecimento e desatenção dos paulistas, nunca ficou nada a dever à badalada Floresta Amazônica. O trabalho na Serra era fisicamente esgotante e, pelas dificuldades de acesso aos locais a serem pesquisados, não havia como adotar sistema de folgas semanais. Os turnos eram normalmente de quinze dias.

O trabalho consistia no mapeamento geológico-geotécnico de faixa ao longo do traçado do futuro Ramal Mongaguá, da Rodovia dos Imigrantes, que em boa parte de sua extensão corria pelas vertentes do Rio Branco.

O que era mais comum, na ida, era descermos em alguma estação da Estrada de Ferro Sorocabana em seu trecho de serra, entrarmos no mato e chegarmos a uma das vertentes do vale do Rio Branco, que corria para sul. Nossos pontos de apoio eram acampamentos que abríamos em plena floresta, e ficavam sendo nossa moradia pelo tempo que por lá ficássemos.

Estavam comigo nesse episódio dois técnicos de nível médio, Eder e Pedrão, e 15 peões, escolhidos e contratados no distrito de Ana Dias, município de Itariri, ali no litoral sul paulista.

Bem, aí pelo 25º dia os níveis de testosterona da peãozada estavam no limite, pelo que me pressionaram a promover uma ida à cidade de Mongaguá, onde cada um poderia resolver seu problema. Como a voz do povo é a voz de Deus, concordei, e então organizamos a longa viagem. Desce-mos do Acampamento 4, no meio da serra, e dormimos de sexta para sábado no Acampamento 5, que ficava no sopé da serra, a cerca de 12 Km da pista de asfalto da Estrada Pedro Taques (nessa região a escarpa da serra se distancia do litoral). Do A5 até a pista era uma viagem sobre uma desarrumada estradinha de ferro de meio metro de bitola, uma decauville, instalada na região para esgotar as safras de banana nanica. A viagem era feita sobre truques simples (um tablado de madeira sobre rodas de ferro) movimentados por empurrão com uma vara de pau. E lá fomos nós. Quase três horas de viagem.

Chegamos na pista e adentramos, como em passeata, a cidade de Mongaguá. Soube que no único cinema existente estava passando um filme de sacanagem, pelo que convidei a peãozada para já de início curtirmos esse programa, convite que colocou a peãozada em estado de superior agitação. Fomos para lá, o filme se chamava “Quando duas mulheres pecam”, ou algo assim. Tirei as entradas e todos mergulharam no escuro da sessão, já em andamento. Não demorou muitos minutos para começar uma leve resmungação da peãozada. Remungação que logo passou a uma revolta geral e em seguida a gritos, socos nas cadeiras e batidas de pé no chão. Eu queria me enterrar debaixo das cadeiras. Bem, o filme era uma obra de arte em branco em preto, dessas pesadas e herméticas, nada de sacanagem,

nada de mulheres fazendo *striptease* ou coisas do gênero. As luzes se acenderam, vieram os lanterninhas, o dono do cinema, um alvoroço danado. Ainda bem que o dono do cinema foi de uma sinceridade inimaginável, pediu desculpas a todos, pois pensava que estivesse alugando um filme de sacanagem e o anunciara como tal, mas agora que percebera que era um filme de arte “noir”, de um diretor sueco famoso, um tal de Ingmar Bergman.

Bem, ao menos sem mortos e feridos, saímos todos do cinema, o pessoal se dividiu em pequenos grupos e foram todos procurar zonas e moças reais que lhes recuperassem um pouco dos libidinosos sonhos frustrados. Na manhã do dia seguinte iniciamos a viagem de volta. Todos esgotados, mas nem por isso as mentiras sobre grandes casos e trepadas da véspera deixaram de arrancar gostosas gargalhadas. Sobre o grande filme de sacanagem que proporcionei ao pessoal, bem, pra dizer o menos, durou anos a gozação que tive que aguentar. Essa o grande Bergman me deve.



MELHOR NÃO FUÇAR MUITO

Dê-se sempre por satisfeito
Com o pouco que, sutil,
Consegues de tua mente.
Se queres mais, vais acordar
Sapos, enguias e serpente.
E aí já não mais saberás
Se ela te ilumina
ou te enlouquece,
Elaboradamente.



O DESCOBRIMENTO DA TERRA

(Yuri Gagarin, primeiro cosmonauta que orbitou a Terra. O lançamento de sua nave, Vostok 1, deu-se em 12 de abril de 1961)

Às frases ditadas e decoradas
Prevaleceu o encantamento do menino
E lá de cima nos contou a todos o Yuri,
A Terra é azul.
E assim soubemos que a Terra é azul
E é uma beleza de se ver...





A FLOR DA ARAGONITA

Aragonita: mineral carbonato de cálcio, ortorrômbico, polimorfo da calcita (CaCO₃)

Em telúrico e inspirado desígnio
Por subterrâneas e calcárias frestas,
Sopraram ao longo dos tempos
Ancestrais e úmidas brisas.

E nessas intemporais profundidades
Em paciente e cristalina lida
Frágil, a partir-se ao mais leve toque
Foi se compondo, da Terra, a jóia mais bonita.

Amuleto cobiçado por insanos amantes
Que já ao mais leve sopro meneia, levita
Assim, ali jaz, só, distante, proibida,
Ela, a Flor da Aragonita.

FELIZ PÁSCOA

E o que diria Cristo
A gente assim tão devotada
Vendo festejarem-lhe a dor
Em tão farta bacalhoadá.

Por favor, amigos meus,
Desprezem a infeliz estrofe
Com Paixão abram um tinto leve
E avancem no rega-bofe.



UM “CAUSO” BATATAENSE



Casa de uma das zonas de Batatais: Conceição da Praia

Dia desses meu irmão Mauro passou em casa e trouxe-me uma fotografia de uma velha casa para que eu adivinhasse de que se tratava. Foi o que fiz, de pronto, como se dizia, no estalo: Conceição da Praia! E caímos em longas recordações.

Conceição da Praia era uma das zonas de Batatais. A mais simplória e antiga. Sua cafetina-chefe era a famosa Conceição, que, como todas as cafetinas, era dotada de incrível personalidade e capacidade de mando e liderança. Além de um imenso coração.

Uma história que a envolve. Ela tinha um filho, que só lembro por seu apelido, Tejo. O Tejo amigo de geração, e frequentamos juntos grupo escolar, ginásio e peladas de futebol, que lá chamávamos de “rachas”. Era filho de criação da Conceição, pois que as cafetinas sempre foram dadas a esse carinhoso mister de abrigar crianças que alguma de suas putas, por descuido, ou por amor, haviam

gerado e insistido em não abortar. Pois bem, o Tejo, apesar e por mérito de suas conhecidas ligações maternas, era o único moleque de Batatais que não podia ser chamado de Filho da Puta. Chamasse-o de qualquer outra coisa, mas chamar o Tejo de Filho da Puta era início de briga certa e pesada.

Na foto, a casa da zona da Conceição da Praia. Com o desenvolvimento urbano de Batatais, é até inexplicável que ainda esteja assim conservada.

A seguir, um *haikai* que há tempos fiz em homenagem às putas de Batatais.

*Maternais preceptoras, doces putas e cafetinas
Oh tardia homenagem
Conceições, Esmeraldas, Davinas...*



FIDEL

“... aportar experiências e idéias cujo modesto valor procede da época excepcional que me coube viver.” (Fidel Castro)

“Hoy y ayer escuché algunos a te maldecir
Pero, cuanto a mi,
Solamente tengo a agradecerte,
Mi caro comandante
A ti y a tus compañeros
Che, Camilo ...
Inspirastes en mi el mejor de mi.
Y esto no es poco, por supuesto.”



À MORTE, COM MEUS RESPEITOS

Quando souber, enfim,
Que vieste mesmo desatada,
Acredite, não repetirei na partida
O tolo escândalo da chegada.

Assossega-te, fique segura,
Não terás comigo grande lida.
Cria, em paz, sem resistir, sigo-te
Sem nada mais pedir-te desta vida.

Portanto, não pense, pois,
Preparar-me aos pedaços;
Ou, aos poucos, cruelmente,
Consumir-me os sentidos;
Nesse dia, leva-me todo, inteiro,
Mente, corpo, olhos, próstata, ouvidos.

E desde já vale o contrato;
Para que no ato não me traia,
Desmedida,
Essa paixão pela vida,
Essa paixão pela vida.

(Álvaro Rodrigues dos Santos. Com a firma reconhecida)

A primeira vez que ouvi falar de fome

Primeiramente preciso falar de meu pai. Brasília. Médico do interior, Batatais. Excelente médico e cirurgião. Homem de um caráter impecável. Pelas circunstâncias da vida, uma pessoa sofrida, de poucos risos e extroversão. Sua profissão era sua vida, seu sacerdócio. Lidava com uma dificuldade existencial enorme em associar preço aos seus atendimentos médicos. Violentava-lhe cobrar por seus cuidados. Pelo que faleceu pobre. Educou seus filhos sem muitos discursos e palavras, sua atitude sempre foi a referência maior do certo e do errado para nós. Eu devia estar aí com uns dez anos de idade quando ouvi aquela sua conversa com minha mãe relatando um atendimento médico seu. Com meus olhos encantados pela magia da infância no interior, eu nunca havia me tocado com a miséria humana. Provável até que àquela época essa doença da humanidade não fosse a tônica social da região. Ou, bem mais plausível que fossem meus inocentes e deslumbrados olhos de moleque que não a percebiam. Sei que meu pai dizia de seu empenho em salvar a vida de uma mulher pobre, negra. Contava ele que ela havia comido mamão com os caroços e aquilo havia conformado um bolo que obstruíra seus intestinos. Algo assim. Perguntei, pai, mas porque ela comeu mamão com os caroços? Meu pai deu-se conta que eu estava por ali e prestara atenção em sua história. Em atitude resignada, talvez falando mais para si mesmo do que realmente para o moleque de dez anos que ali estava, disse: “É a fome, meu filho, é a fome”. Aquilo impressionou-me sobremaneira. Pela primeira vez soube que havia pessoas pobres que sofriam. Desde então passei a percebê-las. E vi que eram tantas...

AMIGO FLORESTADOR

Semear em férteis terras
Quem dera, assim fosse,
E sempre...

Mas assim não sendo
E nunca...
Cumpra o senso lançar
Quanto mais sementes

Para ver vingar
De árido e sovado chão
Quiçá um único e frágil broto.

A vencer ainda
(florestador como tu)
a intempérie, o medo e a solidão.



CIDADE PARTIDA

Um dia o homem urbano,
Assim nomeado
Por gentil e cortês que lhe era dado ser,
Tornou-se rude e acre.
Dizem até que nem mais
Assoviava pelas calçadas,
E tampouco caçoava da vida
Acabaram por descobrir-lhe
Desvivendo-se
Excluso em um dos pedaços
De sua cidade partida
De mil feiúras e diferenças.



“AÍ, CASAMOS, EU E MARIA DO CARMO, LINDA MOÇA, FILHA DE DITO E MIMO, PESSOAS SIMPLES E BOAS DO INTERIOR. E COMO NOS INDICOU O BOM DEUS, CUIDAMOS DE NOS MULTIPLICAR. PELO QUE JUNTARAM-SE A NÓS FÁBIO, DANIEL E CAIO. ANDEI DANDO ALGUM TRABALHO, MAS EM UM BALANÇO BENEVOLENTE PARA COM MEUS PECADOS, SEM DÚVIDA UM CASAMENTO COROADO DE MUITA FELICIDADE E AMOR.”

TROVINHA APAIXONADA

(para Maria do Carmo)

Desde o instante que te vi
Não vou esquecê-la jamais
Serás o nome de minha rua
Serás o brilho de minha Lua
Tu, que já és a musa dos meus ais.



AMOR DE POETA

(para Maria do Carmo)

Eu tenho um mau jeito
Dom meio imperfeito
De trazer junto ao peito
Um certo jeito de te amar.

É um jeito meio torto
Que me deixa quase morto
Qual navio sem porto
Quando falas em me deixar.

Já não sei o que faço
Sinto-me como o palhaço
Que chora e ri seu cansaço
Esperando o circo acabar.

E temo que me desespere
Qual bicho que ataca e fere
Aquele que do medo se libere
Querendo apenas lhe ajudar.

Amor assim é doença
É dor, castigo, sentença
Vai, livra-te dessa ofensa
E larga-me só a poetar.

A QUEM DEVO TANTO...

(para Maria do Carmo)

33 anos, e ainda vamos seguindo...
Sem mudarmos o que fomos,
Você, silente, crescendo,
Eu, jactancioso, sumindo.

Pastor, tentei “fazer-te a cabeça”,
Continuaste praticando a bondade.
Briguei, teimei, resisti,
E hoje só, sem ovelhas,
Deslumbro-me feliz nesta idade,
A ver o quanto gostam de ti.

E não bastassem os ninhos que fizeste
Teces agora o Polaris(*)...
Minha santa, minha mestra, meu amor
Maria do Carmo Soares.

Teu amor, Álvaro - 31.07.2001

() Polaris é o nome do edifício onde aluguei um apartamento
no período em que trabalhei em Mogi das Cruzes*



Nós cinco no 47º aniversário de casamento

Queridos filhos,

Hoje, 18 de abril de 2015, eu e a mãe completamos 47 anos de casamento. Foi demais gostoso tê-los todos aqui conosco. Se alguma coisa hoje não nos deixa dúvida sobre o quanto valeu esse casamento certamente é o coração de nossos três filhos.

Beijos muito carinhosos nos três, e obrigado pelo imenso amor com que todos nos queremos.

Pai e mãe

(texto de mensagem passada pelos pais aos filhos após o gostoso encontro)

AMORES PROTEROZÓICOS

(dedicada a Charles Darwin)

*Provocava-lhe a proximidade da primeira
Os deslumbrantes colares da sexta
A quarta, com seus misteriosos rubores...
Censurava-lhe, porém, a paterna relação.*

*Mas já há algum tempo rendera-se
A ígneos sinais de irresistível paixão.
Sim, era aquela terceira lua
Que com seus suaves e azuis encantos
Estava a explodir-lhe o flamante coração.*



*E ela, por aquele impossível amor
tão dilacerada,
Temendo, sem prendas,
Restar-lhe solitária e gélida sina,
Parecia a ele ainda mais bela
Assim frágil, perturbada, feminina.*

*Então, em equinócio tão aguardado
Sol e Terra amaram-se
Proterozoicamente.*

*De tão intenso amor
Foi pois aquela terceira lua
Semeada de cálidas sementes,
Que, à fortuna do tempo,
Aqui e ali vicejaram, encantando-se
Em algas, fungos e gente.*

*Foi mesmo assim maravilhosa a
criação
Sem ódios, pecados ou serpente.*

COMIDA CASEIRA

Do sofrido pai Brasília
A força da atitude.
Da operosa mãe Didi
O amor, em plenitude.

Por sorte cedo dei-me conta
Ser essa uma receita de Deus,
E a tempo juntei ao molho
Sete xícaras de pecados meus.

Mas tão fortes aquelas essências
Que embalde os vícios meus
Ressurgiram na alma dos netos
Os sabores dos temperos seus.



CONFISSÃO

*“É preciso estar atento e forte
Não temos tempo de temer a morte”*

1968 – Gil e Caetano

Atento, talvez
Mas não forte
E assim viajei meu tempo
E temi a vida
E temi a morte

Mas esta alma fraca,
Em desvarios e assombramentos
Encanta-se
E ainda sonha o sonho
Daqueles tempos





DIDI, MINHA MÃE

Uma benção
Um afago
Um passeio no lago
Que doce mulher

Um ninho
Um norte
Um porto, uma sorte
Uma cara mulher

*Quantas sementes lançastes
Quantos cuidados tomastes
Quantos sonhos dissimulastes
Para seguides, a cada vil condição
O que lhe sussurrava, anonimamente,
Seu terno e corajoso coração*

Um olhar maroto
Um dizer, um aviso
Um gesto, o bom riso
Que formosa mulher

É uma conta bendita
Que a si própria se paga
Nada pede, nada cobra
É sempre o dar que lhe sobra
Uma linda mulher

Por todos os irmãos, o filho Álvaro, 1999



DÚVIDAS GUERREIRAS

Esse eterno se recusar
A vida
Em nuvens brancas passar

Esse longo se incomodar
Com as coisas erradas
A tantos fazendo penar

E esta sempre tardia sabedoria
De nos dosar p'ra cada ímpeto
Seu possível tempo e lugar,

Ou nos tornarão
Apenas
A vida mais curta,

Ou será que, um dia,
O Universo
Iremos mesmo consertar?

DÍVIDA INTERNA

Por fim,
Fico a dever-me uma vida.
Sem encargos ou missões
Ou demais obrigações
Apenas uma vida
A ser
Simplesmente
Vivida



HISTÓRIA ALHEIA

para o amigo Waldir (a propósito do espetáculo ao vivo da invasão do Iraque pelos americanos)

Reis e seus nobres
Erguem seus palácios de mármore
e esmeraldas
Que são destruídos
Em bolas de fogo
E estrondos infernais
Por outros reis de um reino além
Que erguerão seus palácios de aços
e vidros.

Em pensamentos contidos
A malta miserável
Recolhe seus prantos
E seus mortos e desgraças
E segue sua história alheia.

ÍNTIMAS AGONIAS

Perceber tal êxito do meticuloso plano
E ver então tantas gentes de cabeças vazias
Confesso, é algo que me desespera
Aquilo que me gera
Essas íntimas agonias





ORAÇÃO AO PEÃO SOTERRADO

Desculpem-nos Severinos, Raimundos, Josés e Edmilsons. Desculpem-nos por matá-los e aleijá-los aos magotes nas valas, galerias, muros e taludes que lhes soterram todos os santos dias.

Desculpem-nos por recebê-los das mãos criminosas das “Gatas” que os contratam por míseros salários, escoimando seus direitos trabalhistas e os alugando como animais às empreiteiras da vida.

Desculpem-nos por espalhá-los como cargas quaisquer pelas obras que se instalam por todos os cantos desse sul-sudeste encantado que lhes atraiu de seus sagrados confins.

Desculpem-nos por alojá-los como bichos escravos em dormitórios indecentes e sujeitá-los a todas cruéis e safadas exigências dos chefes de turma.

Desculpem-nos por nos “lixarmos” por sua juventude ou por sua velhice, pelos seus sonhos e pelas suas histórias e agruras de vida.

Desculpem-nos pela ausência hipócrita de nossas instituições fiscalizadoras do bom e ético exercício profissional.

Desculpem-nos por sujeitá-los a todas essas vergonhas, sofrimentos e mortes aproveitando-nos de seu humano desespero por um emprego.

Desculpem-nos, Josés, Sebastões, Antônio e Rivaldos, pelos Ministérios e Secretarias do Trabalho, pelos CREAs e pelos Tribunais e Juntas e Sindicatos do raio que os parta alegarem desconhecimento de suas humilhantes condições de trabalho.

Desculpem-nos pelas Promotorias e Delegacias não entenderem como crime doloso e hediondo a ordem do canalha que lhes mandou para o fundo da vala, para o pé do talude ou para o interior da galeria sem condições de segurança.

Desculpem-nos, Severinos, Raimundos, Beneditos e Nonatos, por abandonarmos seus corpos amarrotados e sujos no IML, achando que suas famílias é que deveriam lhes cuidar e pagar as despesas da porcaria de seus enterros.

Desculpem-nos Marias, Antônias, Esmeraldas e Dorvalinas e seus tantos filhos, pelos maridos, filhos e pais que lhes roubamos, aleijamos e matamos.

Desculpem-nos, Raimundos, Antônio, Edmilsons e Beneditos, mesmo não me incluindo entre os que lhes violentaram a dignidade e sua condição humana, assumo a missão, alguém, em nome da Geotecnia brasileira, teria que lhes pedir perdão.



MY INNER THOUGHT

Nesses momentos solitários
Em que em olhares perdidos
É dado nos olhar
E as coisas

E uma suave tristeza
Começa a nos embriagar
Com os vinhos da resignação,

Acorrem-me
Em cristais lembranças
Velhos e caros princípios,
Simplória herança
De anônimos e humildes heróis.

E então
Tão amistosamente, me gosto
E a tantos.

Assim,
Na profunda paz do solitário estar,
Solto-me nas ondas sábias
De um amigo. Amigo Afonso Schmidt.

E já não mais indago
Da razão
Pelos séculos
Em seguir adiante

“Sou filho do litoral. Vi o oceano lutar contra o rochedo. Toda onda que se atira contra a pedra, volta esfarrapada, desfeita, vencida. No entanto, os penhascos vitoriosos vão de ano para ano desaparecendo na fímbria do mar. Essa é a luta do pensamento contra o interesse, do novo contra o estabelecido. Há milênios que nós assistimos a um calculado esmagamento das idéias, pelas armas, pela calúnia, pela corda. No entanto, apesar disso, o pensamento humano continua a desabrochar como uma grande flor. A nossa vida é constituída de derrotas”.

(Afonso Schmidt)

Obs. O grande escritor Afonso Schmidt, filho de Cubatão, no litoral paulista, já bastante idoso, não suportou a notícia do golpe militar de 64, falecendo dias após. Um brinde ao querido e velho companheiro.

O QUE REALMENTE ME INCOMODA

O que me incomoda não é termos perdido a guerra

Bem, isso me incomoda, mas não é isso que me incomoda

O que me incomoda não é que eles tenham vencido em todas as frentes

Bem, isso me incomoda, mas não é isso que me incomoda

O que me incomoda não é que tantos de nós aderiram e traíram

Bem, isso me incomoda, mas não é isso que me incomoda

Sabem o que me incomoda mesmo, pra valer?

É que mataram o pensamento

E já ninguém mais se incomoda. É isso que me incomoda.

PAULISTANANDO

Inezita, desvairada,
Ronda a cidade.
Chá, Luz, Praça Clóvis,
Sé, Ipiranga e São João...
Ali descansa,
E alguma coisa acontece
Em seu coração.
Saudades lhe traz
Aquela Avenida...
Dim di donde ela passô
Dias feliz de sua vida



PERDOA-ME, QUERIDO AMIGO

*Ao amigo Celsão - 31.08.2002
(campanha do Lula para presidente)*

O que fazer? Entenda...
Não me acharás na platéia
Estou no jogo
Não me verás na roda
Estou no fogo.

Já há tanto tempo
Tomei partido.
Julgo com a paixão,
É meu fígado, caro amigo
Quem conduz minha razão.

E não me reprovo,
Me aprovo.
E que sofra com isso,
Só me importa meu país, meu povo
E esse compromisso.

Assim,
Se te posso magoar,
Por ferina palavra
Causar-te alguma dor,
Perdoa-me, querido amigo
São esses tempos
São esses ódios. É esse amor.

TROVINHA À ESQUERDA

Eu sou povo e sou nobre
Eu sou garfo e colher
Sou da valsa e do tango
Botões e fecho éclair

Hoje sou um, amanhã sou dois
No ócio ou na labuta
Só não tolero mesmo
Patrão filho da puta

Poetou-me o grande amigo
Com carinho e com feitiço
Vamos Velho, por essa vida
Viciados em compromisso

E assim sou tudo e uma coisa só
Como prova extensa lista
Ou seja, em resumo e fé
Um apaixonado socialista.

Álvaro

REBROTANDO

fevereiro 1992

Por algum tempo
Aturdido,
Julguei mesmo não haver jeito.
Tudo não passara de uma ingênua e boba utopia.
Um apaixonado erro de avaliação...

E assim, driblando maiores lembranças,
Abasteci-me de explicações
e sabedorias:
havia, pois, que manter-me sano.

(Sei, especialmente por alguns olhares,
Que a esse pungente exercício
Muitos antigos amigos,
certamente também
com alguma recôndita desconfiança,
diligentemente se dedicam)

Mas já há alguns dias
A mim faziam-se perceber
alguns sinais de intensa inquietação,
Para, de súbito, e acabadamente,
Em uma indormida madrugada,

Como em instantes que antecedem iminente parto,
Revelar-se-me insuportavelmente desconfortante
esse novo papel.

A cristalina e antiga verdade
se aconchega, e espanta:
O bom, honesto e necessário trabalho
não me basta!

Há mistério...
É como se estivesse sendo novamente tocado.
Sim, agora melhor a percebo,
É aquela mesma estrela.
A mesma, a mesma de dezenas de anos atrás
A mesma aos meus 17 anos.

Com um sentimento tão amigo
Estendo a mão para o passado.
A ligação está refeita.
Volto, intensamente, a sentir-me
cúmplice do futuro.

Tento adormecer.
Amanhã tenho que procurar os amigos.
Somos poucos
E, por certo, como sempre,
Haverão tantas coisas a combinar...

RESULTADO DO JOGO

Você que só tira
E não dá nada a esse mundo
Você que só tira
E não dá nada a essa gente
E resmunga, e reclama,
E mente
E difama
É, ainda, o vitorioso
Da trama



SERRA DO MAR

Imponente e deslumbrante escarpa
De duras rochas maciças
És mistério, és esfinge
És uma Deusa impondo
Temor, pasmo e cobiça.

Com teus flancos me espantas
Com tuas águas me convidas
Com teu verde me fascinas
Com teus barros me intimidas.

Teu colo sensual
Tua pele aveludada
São-me acenos de amante
Ou engodos de cilada?

Talvez seja esse o teu capricho,
Por temer a humana orgia
Nega-te como pouso de chegada
Já transformando em odisséia
U'a mera travessia.

REGISTROS

(suíte poética)

(Há coisas que habitam nossa alma e que desconhecemos. Ou se as sentimos, não avaliamos sua dimensão e importância para nossas vidas. Às vezes, essas coisas ficam lá em seu canto por toda nossa existência e acabam morrendo conosco. Às vezes, alguma circunstância as traz à tona, em toda sua grandeza. E as descobrimos dentro de nós e percebemos a importância que tiveram em nossas vidas, na formação de nosso caráter, de nossos sentimentos, de nossas experiências emotivas. Revisito-as aos 70 e reverencio sua transcendência em minha vida.)

- ***REGISTROS BOTÂNICOS***
- ***REGISTROS PUERIS***
- ***REGISTROS GREGÁRIOS***
- ***REGISTROS IDEOLÓGICOS***

REGISTROS BOTÂNICOS

Uma coisa me impressiona:
Como chega ao terreno
A semente da mamona?

Um dia, com a alma inteira
Todos se darão ao povo
Como a árvore da goiabeira.

Goiabeira, tia do araçá
Ruim de forquilha
Mas a melhor de se trepar

Talvez um atávico legado
Esse encantamento que sinto
Na planura agreste de um cerrado.



Me calo, penso e matuto
Vendo a figueira crescer
Na fresta estéril do viaduto.

Além de histórias e lenidade
Fruo da imemorial jaqueira
Sombra, jacas e cumplicidade.

Ainda tremo, suo e passo mal
Quando lembro, noturno,
O gemido do bambuzal.

Oh cruel bula ou odiosa homilia,
Que nos vedou por pecado
O miolo da melancia.

Ingratos às tuas lindas cenas
Apunhalaran-te, bela serra,
De eucaliptos e antenas.

REGISTROS PUERIS

O alto da goiabeira, minha nave espacial...
Deus! De quantos mundos era feito
O mundo de meu quintal.

Felicidade, chegar da escola
Comer um pão com manteiga
Sair com o cachorro, e levar a bola.



Eu e o Dunga, meu cachorro inseparável, e Zezinho

Felicidade, broa de fubá, sequilho,
Ovos nevados, doce de manga
Sorver café com leite no biscoito de polvilho

*“Fia da puta é leque-leque.
Tua mãe joga no gol,
Meu pai joga de beque;
Cada gol que ele marca
Ranca três muleque.”*

Caçula,
Apanhei de pai, mãe e irmão
Coisa medonha.
Nada de traumas. Somente fiquei
Um tanto mais sem-vergonha.

Felicidade, gude ao ponto ou na biroca,
Comer primeiro e escafeder-se
Na jurada troca-troca.

Felicidade, juntar figurinha e bater bafo
fumar talo de chuchu
e recitar o mafagafo.



Huguinho, eu (Valinho) e Beto no quintal, chegando da missa

Mas por tanta felicidade
Havia penas a pagar
Como o sapato engolindo a meia
E a horrível bolha no calcanhar

Oral prazer de ancestrais laços
Chupar manga de fiapo
O caldo escorrendo pelos braços.

Mitológica bola de capotão
O sebo derretido na véspera. E no dia,
A mágica liturgia do bico e do manchão.

Emoção maior não havia
Os lambaris se prateando
Na peneira que se erguia



*Eu e o Dunga, meu cachorro, no portão de
minha casa em Batatais*

O REI DO ESTILINGUE

Consternado, confesso
Fui o rei do estilingue.
Do visgo de figueira,
Da arapuça e do alçapão.
No todo, fazendo as contas
Só de rolinha e sanhaço
Matei mais de milhão.
Se de metade os peitinhos
Assados eu comi,
A outra metade, oh Deus,
Foi por prazer
Por pura satisfação.

Que me seja dado
O justo castigo,
A dorida penitência.
Arrependimento já tenho,
Mas pelo ímpio crime
Não há suficiência.
Que me tirem do que mais prezo
Aquilo pelo que mais rezo,
O que mais me puniria:
Biscoitão de polvilho
Sorvete de milho verde
E o miolo da melancia.

REGISTROS GREGÁRIOS

PRIMEIRO, UMA OPORTUNA INTRODUÇÃO

Anos atrás tive o grande prazer de ler essa crônica do escritor cubano Fábio Hernandez, que me trouxe à lembrança o mágico e abençoado significado dos amigos, das turmas de amigos.

Aproveito para, a seguir da crônica, copiar, em perfeita sintonia temática, a bonita poesia “Mulheres de amigos”, do poeta russo Kurt Tucholsky. E, ao final, copio também um quase haikaizinho de minha própria lavra.

Abraços e boa viagem.

A importância dos amigos na vida de um homem

Fábio Hernandez



Cena do filme Conta Comigo (Stand by Me)

“Vi, numa revista americana, um anúncio que de alguma forma me comoveu. Acho que era de uma seguidora. Dois garotos estão encostados um no outro e lê-se o seguinte: lembra o tempo em que você podia contar com alguém?”

Toquei no anúncio porque decidi falar, nesta coluna, dos amigos. Mais especificamente, das dificuldades que as mulheres acham que os amigos têm influência negativa sobre nós. E sentem um terrível ciúme deles. Como se cada centímetro de espaço que concedemos a nossos amigos representasse um centímetro a menos para elas. Elas mais ou menos nos dizem o seguinte: ele ou nós. Algumas dizem isso de forma mais clara, outras recorrem a sutilezas, mas a essência da mensagem parece sempre a mesma: amigo bom é ex-amigo.

Lembro com detalhes o que aconteceu com meu amigo Totó. Éramos adolescentes e nossa turma era simplesmente incomparável. Duvido que houvesse outra turma, em todo o mundo, tão fantástica. Éramos unidos, diversos nas partes mas coesos no conjunto, e nos amávamos tanto. Sabíamos que, desde que estivéssemos juntos, conquistar o mundo era uma tarefa bem fácil para qualquer um de nós.

Pois um dia o Totó arrumou a primeira namorada séria. E a primeira providência dela foi afastá-lo de nós. Relembro a cena ainda com pesar: o Totó passando de mãos dadas com ela na outra calçada, longe da es-

quina em que nós ficávamos. Claro que essa namorada passou. Mas a mágoa da troca de calçada jamais foi esquecida pelos amigos. (Não me julgo um cara ran-coroso, mas também eu jamais esqueci. Releio o que escrevi e noto que nem sequer o nome da namorada mencionei. Revanchismo. Mas aqui vai: Eliane.)

E então digo o seguinte. Um grande erro das mulheres, a compulsão de detestar nossos amigos. Eles quase sempre estão do lado de nossas namoradas e nossas mulheres. Sobretudo quando estamos procurando, descaradamente, novas namoradas e novas mulheres.

“Você não vai fazer uma coisa dessas com a Maria”, “a Maria dá de dez nessa vaca atrás de quem você está correndo”. Eis algumas das frases que ouvimos de nossos amigos quando nos lançamos a aventuras. Eles, como certos cães de aparência assustadora, mas com alma de pomba órfã, só atacam quando são atacados primeiro. No caso do Totó, por exemplo, fomos atacados primeiro. Toda a campanha sanguinolenta que movemos contra a namorada foi apenas uma resposta ao golpe vil que recebemos.

Mulheres e amigos são complementares, como uma boa colher de Nescau e um copo de leite gelado. Cada parte tem sua função. A presença do Nescau não diminui o leite, nem a presença do leite diminui o Nescau. É uma imagem meio capenga, admito, mas preciso considerar que fui subitamente assaltado por uma

feroz vontade de tomar um copão de Nescau gelado. (Copázio, corrigiria minha mãe, que jamais conseguiu dar um português decente a este seu filho.)

E antes que meu espaço se encerre quero dizer que dedico esta coluna à minha velha turma. A melhor turma do mundo em todos os tempos. Parece que os vejo ao meu lado agora. E reparo naquele ali, baixinho, de blusão de couro e chiclete na boca, o mais esperto de todos nós.

É o Edu, o Eduardinho. Vejo o Edu como o Senhor do Mundo em cima de uma pequena moto azul de 50 cilindradas que ganhou aos 18 anos, os olhos com o fulgor arregalado de quem não conhece obstáculos que não possa transpor. E o vejo depois num paletó ridículo, que ele jamais usaria. Mas fora atirado de sua moto numa guia e estava num caixão. E então me ocorre que o Edu não viveu o suficiente para assistir à falência de seus sonhos de menino, como todos os seus amigos que sobrevivemos e seguimos em frente.

E então eu penso que se essa coluna fosse musicada, tocaria agora uma balada de Hendrix chamada "Angel". E me arrepio. Uma vez, lá para trás, nós, da velha turma, estávamos ouvindo "Angel" enquanto fumávamos um baseado no quarto do Fernão. Um trecho da música fala de alguém que voa pelos céus. O Mingo disse: não dá pra ver o Edu voando pelos céus?"

MULHERES DE AMIGOS

Kurt Tucholsky (1890-1935)

Mulheres de amigos destroem a amizade.
No princípio ocupam timidamente uma parte do amigo,
Aninham-se nele,
Aguardam,
Observam,
E aparentemente participam do círculo.

Esse pedaço do amigo não nos pertencia
Nada notamos.
Mas logo a coisa muda.
Elas tomam um aposento após o outro,
Penetram mais fundo, logo têm o amigo por inteiro.

Ele está mudado; é como se tivesse vergonha de sua amizade.
Assim como antes envergonhava-se do amor diante de nós,
Agora envergonha-se da amizade diante do amor.
Não nos pertence mais.
Ela não está entre nós – já o levou.

Ele não é mais nosso amigo:
É o seu marido.
Um leve melindre permanece.
Tristemente o seguimos com os olhos.

A da cama tem sempre razão.

Haikai da mulher (Álvaro)

*Nem primas, amantes, a própria sogra sequer,
É a puta da Turma, quem mata de ciúmes
Uma pobre mulher*

Só uma coisa fará com que eu não durma,
É o que poderá pensar de mim,
Minha turma.

Campeonato de punheta e de catarro,
A vida?
Uma eterna tiração de sarro.

Havia o raso e o fundo,
Havíamos nós...
E o mundo.

Em perfumes e rostos colados,
Fodidões, ruímos todos,
Nos irresistíveis Anos Dourados.

Nem primas, amantes, a própria sogra sequer,
É a puta da turma, quem mata de ciúmes
Uma pobre mulher.

Maternais preceptoras, doces putas e cafetinas
Oh tardia homenagem
Conceições, Esmeraldas, Davinas...



Casa da Conceição da Praia, uma das zonas de Batatais

*Turma: p'r'eu entender é um nó.
Talvez... por mais sozinho que esteja,
A certeza de nunca estar só.*

*Consigo me guarda, amigo.
A ti te guardo, e sigo.*



Raro registro de um sorriso de meu querido pai Brasília. À direita, eu em meus 16 anos. À esquerda, o Liberdade, um de meus grandes amigos de adolescência. Tinha esse apelido devido a certo dia ter vestido a farda do Tiro de Guerra de seu irmão e saído à rua cantando o hino da Liberdade.

REGISTROS IDEOLÓGICOS

Por meus desenganos
Suponho,
Minha rotina é o sonho.

Eu choro e louvo aqueles artistas
Cujas obras-primas
Ficaram-lhes contidas no coração.
Por não terem tido um país
Que lhes desse abrigo,
Tintas
E pão

Os que só miram seus próprios umbigos
“São criaturas que carregam a vida
Como o maior de seus castigos”

Exibam sua luxúria ante o gentio
E blindem seus carros, seus palácios,
A si próprios
e a puta madre que os pariu!

Por uma complexa questão de patente
Optou-se por matar
A paciente

Onde está o livre arbítrio.
Ou a famosa seleção natural,
Se o leso nasce no Morumba
E o gênio na Favela Pantanal!

E Cristo, já muito puto da vida
Por não estar vendo o fim da fome,
Tascou maldição eterna
Aos infames que vendem o seu nome.

Lex, ora a Lex,
O que foi a violência do roubo
Comparada à do Rolex?

Já final de setembro
Os sabiás ensaiam seu canto.
Sensatos, ignoram-nos
E nossas tristezas e nossos prantos

Deste mundo
Não sou outro.
Não o ajuízo distante,
Deslumbro-me
Ou esmerdeio-me
Junto.

Gauche, mijo e tropico
Na fria alça
Do penico.

ABENÇOADOS PALAVRÕES

Os palavrões não nasceram por acaso. São recursos extremamente válidos e criativos para prover nosso vocabulário de expressões que traduzam com a maior fidelidade nossos mais fortes e genuínos sentimentos. É o povo fazendo sua língua. Como o latim vulgar, será esse português vulgar que vingará plenamente um dia. Sem que isso signifique a “vulgarização” do idioma, mas apenas sua maior aproximação com a gente simples das ruas e dos escritórios, seus sentimentos, suas emoções, seu jeito, sua índole.

O texto a seguir foi-me inspirado por um núcleo inicial de idéias que me chegaram por obséquio de uma querida sobrinha. Ainda que de minha autoria, esse texto já andou rodando a *Internet* sob pretensas várias autorias, algumas, aliás, que me honraram muito, como do Millor e do Veríssimo (obviamente, à revelia de ambos). Sem dúvida, uma indicação de que possa ter algum valor. Senão literário, ao menos lingüístico. Assim, resolvi por bem divulgá-lo mais, vamos dizer, oficialmente, pois tenho-lhe, desculpem-me, com algum orgulho.

E vejam, é um texto em aberto, há outros palavrões que não estão descritos e que merecem todo o nosso respeito. Sinta-se à vontade para descrevê-los.

“**Pra caralho**”, por exemplo. Qual expressão traduz idéia de maior quantidade do que “**Pra caralho**”? “Pra caralho” tende ao infinito, é quase uma expressão matemática, física. A Via-Láctea tem estrelas **pra caralho**, o Sol é quente **pra caralho**, o Universo é antigo **pra caralho**, eu gosto dela **pra caralho**, entende?

No gênero do “Pra caralho”, mas no caso expressando a mais absoluta negação, está o famoso e crescentemente utilizado “**Nem fodendo!**”. Que “Não, não e não!” o quê! E nem tão pouco o nada eficaz e já sem nenhuma credibilidade “Não, absolutamente não!”. O “Nem fodendo” é irretorquível, liquida o assunto. Te libera, com a consciência e o ego tranqüilos, para outras atividades de maior interesse em tua vida. Aquele filho pentelho de 17 anos te atormenta pedindo o carro pra ir surfar no litoral? Não perca tempo nem paciência. Solte logo um definitivo “Huguinho, presta atenção, filho querido, NEM FODENDO!”. O impertinente se manca na hora e vai pro Shopping se encontrar com a turma numa boa, e você fecha os olhos e volta a curtir o novo CD do Lupicínio.

Por sua vez, o “**porra nenhuma!**” atendeu tão plenamente as situações onde nosso ego exigia não só a definição de uma negação, mas também o justo escárnio contra descarados blefes, que hoje é totalmente impossível imaginar que possamos viver sem ele em nosso cotidiano social e profissional. Como comen-

tar a bravata daquele chefe idiota senão com um **“é PhD porra nenhuma!”**, ou **“ele redigiu aquele relatório sozinho porra nenhuma!”**. O “porra nenhuma”, como vocês vêem, nos provê sensações de incrível bem-estar interior. É como se estivéssemos fazendo a tardia e justa denúncia pública de um canalha.

Há outros palavrões igualmente clássicos. Pense na sonoridade de um **“Putaquepariu!”**, ou de seu correlato **“Putaqueo-pariu!”**, falados assim, cadenciadamente, sílaba por sílaba...Diante de uma notícia irritante ou que te cause algum espanto, qualquer um Putaqueo-pariu! dito assim te coloca outra vez em teu eixo. Teus neurônios têm o devido tempo e clima para se reorganizar e sacar a atitude que te permitirá dar um merecido troco ou o safar-te de maiores dores de cabeça.

E o que dizer de nosso famoso **“vai tomar no cu!”**? E sua maravilhosa e reforçadora derivação **“vai tomar no olho do seu cu!”**. Você já imaginou o bem que alguém faz a si próprio e aos seus quando, passado o limite do suportável, se dirige ao canalha de seu interlocutor e solta: “Chega! Quer saber mesmo de uma coisa? Vai tomar no olho do seu cu!”. Pronto, você retomou as rédeas de sua vida, sua auto-estima. Desabotoa a camisa e saia à rua, vento batendo na face, olhar firme, cabeça erguida, um delicioso sorriso de vitória e renovado amor-íntimo nos lábios.

Seria tremendamente injusto, em que pesem ainda inexplicáveis e preconceituosas resistências à sua palavra-raiz, não registrar aqui a expressão de maior poder de definição do PV (Português Vulgar): **“Embucetou!”**. E sua derivação mais avassaladora ainda: **“Embucetou de vez!”**. Você conhece definição mais exata, pungente e arrasadora para uma situação que atingiu o grau máximo imaginável de ameaçadora complicação? Expressão, inclusive, que uma vez proferida insere seu autor em todo um providencial contexto interior de alerta e auto-defesa. Algo assim como o comentário de um vizinho para sua esposa ao sacar que no auge da violenta briga do casal da residência ao lado, chegam de súbito a amante, o filho espúrio e o cunhado bêbado com o resultado do exame de DNA: **“Querida, fecha a porta que embucetou de vez!”**.

O nível de *stress* de uma pessoa é inversamente proporcional à quantidade de **“foda-se!”** que ela fala. Existe algo mais libertário do que o conceito do **“foda-se!”**? O **“foda-se!”** aumenta nossa auto-estima, nos torna pessoas melhores. Reorganiza as coisas. Liberta. **“Não quer mesmo sair comigo? Então foda-se!”**. **“Vai querer decidir essa merda sozinho(a) mesmo? Então foda-se!”**. O direito ao **“foda-se!”** deveria estar assegurado na constituição brasileira. Liberdade, Igualdade, Fraternidade e **Foda-se**.

FIM



Editora Rudder Ltda.

Coordenação editorial e edição: Gléssia Veras

Arte de capa: **Daniel Rodrigues dos Santos**

Projeto gráfico e diagramação: Melchiades Ramalho

Revisão de textos: Rosemary Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Luis Ricardo Andrade da Silva – CRB-5 / 1790

S233r

Santos, Álvaro Rodrigues dos

Registros e conjecturas : (breve crônica de uma vida) /

Álvaro Rodrigues dos Santos

. – São Paulo : Editora Rudder, 2016.

88 p. : il.

E-book

ISBN: 978-85-93493-01-0

1. Crônica brasileira. 2. Poesia brasileira. 3.

Registros biográficos. I. Título.

CDD – 869.8

CDU – 821.134.3(81)-94

Este livro não adota a grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009, pois o autor preferiu manter um estilo em concordância com sua estrutura poética.

Todos os direitos reservados à Editora Rudder Ltda.

Rua Leopoldo Machado, 236 – Vila Laís – CEP: 03611-020

São Paulo – SP – Brasil – Tel: (11) 2641-0871

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-93493-01-0



9 788593 493010